

e4014

Data de submissão:

10/10/17

Data de aprovação:

02/01/18

Data de publicação:

28/3/2018

Editores de seção:

Marli Hermenegilda

Pereira, Ângela Marina

Bravin dos Santos,

Fernanda Lessa Pereira,

Gilson Costa Freire e

Wagner Alexandre dos

Santos Costa.

A produção discursiva da crença: identidade passional dos actantes no conto “Balas”, de Rafael Gallo

Júlio César Souza de Oliveira

<http://orcid.org/0000-0002-2966-3241>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Reitoria, Campus Universitário – Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

RESUMO

As configurações passionais constituem-se como uma eficaz ferramenta de análise dos sentidos inscritos nos textos, além de representar um poderoso recurso de persuasão do enunciatário por meio do discurso. O objetivo do presente trabalho é descrever e analisar os mecanismos de construção das configurações passionais e seu papel argumentativo – sua eficiência para levar o enunciatário a sancionar positivamente as ideias veiculadas pelo discurso. Para isso, foi selecionado o conto “Balas” (do escritor paulista Rafael Gallo), uma envolvente peça discursiva em torno do tema dos Direitos Humanos. A escolha de uma obra literária para análise coaduna-se com o pressuposto, defendido pelo filósofo e historiador Roman Krznaric, de que a literatura possui o poder de inspirar atos empáticos em benefício dos outros depois que o leitor fecha o livro. Assim, analisa-se como o enunciador, por meio de procedimentos discursivos (com destaque para as configurações passionais), erige um discurso que se opõe à ideia, amplamente difundida nas redes sociais, de que os Direitos Humanos existem apenas para a defesa de transgressores da lei.

Palavras-chave: Argumentação. Verificação. Paixões.

The discursive production of the belief: the passional identity of the actants in the "Balas" tale, by Rafael Gallo.

ABSTRACT

Passion configurations constitute an effective tool for analyzing the meanings inscribed in the texts, as well as representing a powerful resource of the enunciator's persuasion through discourse. The purpose of the present work is to describe and analyze the mechanisms of construction of passion configurations and their argumentative role - their efficiency to lead the enunciate to positively sanction the ideas conveyed by the discourse. For this, the short story "Balas" (by Rafael Gallo) was selected, an engaging discursive piece around the theme of Human Rights. The choice of a literary work for analysis fits in with the assumption, argued by the philosopher and historian Roman Krznaric, that literature has the power to inspire empathic acts for the benefit of others after the reader closes the book. Thus, it is analyzed how the enunciator, by means of discursive procedures (with emphasis on the passion configurations), erects a discourse that opposes to the idea, widely diffused in social networks, that Human Rights exist only for the defense of transgressors of law.



Keywords: Argumentation. Veridiction. Passions.

INTRODUÇÃO

De acordo com Bakhtin (*apud* FIORIN, 2015, p. 9), todo discurso, dada a sua natureza dialógica, é argumentativo. Alguns, como o discurso religioso e o discurso político, revelam-se explicitamente argumentativos, enquanto outros, como o discurso literário e o discurso didático, não se configuram como tal. No entanto, todos são argumentativos, uma vez que o objetivo do enunciador é sempre levar o enunciatário a aceitar sua mensagem como verdadeira ou verossímil (admissível, provável, crível, razoável). O enunciador procura manipular o enunciatário a fim de levá-lo a crer nos valores transmitidos.

Essa concepção lato sensu de argumentação abre caminho para uma promissora investigação em Análise do Discurso, que pretendo levar a termo, a partir do presente trabalho: analisar e descrever os procedimentos de atribuição de verossimilhança aos mais variados gêneros de texto. Na Teoria Semiótica do Discurso, que será empregada como fundamento teórico desse projeto investigativo, a verossimilhança recebe o rótulo de *veridicção*. Greimas apresentou o conceito na obra *Sobre o sentido II* (2014), cujo original (*Du sens II: essais sémiotiques*) foi publicado na França, no ano de 1983.

Define-se veridicção como o modo de dizer verdadeiro de um discurso. Essa definição difere do conceito ontológico de verdade por prescindir do referencial extralinguístico. Segundo Greimas, cada discurso estabelece seu quadro veridictório e somente a esse quadro deve prestar conta.

A singularidade do discurso literário fornece vasto material para estudo do mecanismo da veridicção. Por partirem, muitas vezes, de premissas não-realistas, as narrativas literárias colocam em evidência o processo linguístico sobre o qual se erige o sentido. Na literatura brasileira, a ilustração mais óbvia de verossimilhança narrativa sobreposta à verdade ontológica é, certamente, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que Machado de Assis faz de um morto o narrador de sua história. O recurso, ao invés de diluir a aceitabilidade da obra, acaba elevando-a a um nível extremo de liberdade. Em *Enclausurado*, Ian McEwan vai ainda mais longe: nesse romance, reputado por muitos críticos como obra-prima, o autor inglês eleva um feto à condição de narrador. Diante dessa premissa, o comentador da edição brasileira se pergunta: “Que grau de verossimilhança é possível esperar de um ponto de partida como esse?” Ele próprio observa: “A descrença fica suspensa desde a primeira linha, e ficamos livres para nos divertir com as situações impagáveis criadas por McEwan.”

No trabalho aqui apresentado, analiso os procedimentos discursivos para implantação da “verdade imanente” no conto *Balas*, do premiado escritor paulista Rafael Gallo. O conto retrata o cotidiano de dois homens que vendem balas em um sinal de trânsito de uma grande cidade brasileira. Um deles, sujeito principal da narrativa, já esteve preso e tenta, a todo custo, com aquele trabalho, “ganhar a vida honestamente”. À medida que o tempo passa, a fadiga e a pouca rentabilidade da atividade, aliadas à humilhação diante da indiferença dos motoristas, fazem com que o ex-presidiário comece a pensar na conveniência de trocar as balas vendidas no sinal pelas balas de um revólver que ainda mantém em seu poder, como forma de garantir proventos mais significativos.

A escolha do texto deveu-se à sua temática, que converge para a discussão em torno dos Direitos Humanos, tão presente nas mídias sociais, possibilitando uma interessante investigação sobre os mecanismos empregados no texto literário a fim de levar o enunciatário a crer nas “verdades” transmitidas pelo discurso. Kalil Filho (2016) mostra como a imprensa brasileira contribuiu para disseminar a ideia de que os Direitos Humanos existem apenas para a defesa dos transgressores da lei. Segundo o linguista, frases como ‘Direitos Humanos para humanos direitos’ e ‘bandido bom é bandido morto’ “popularizaram-se ao largo do entendimento técnico-jurídico acerca da matéria”. (KALIL FILHO, 2016, p. 10).

No conto *Balas*, o enunciador pretende fornecer um outro ponto de vista para a polêmica questão, por meio da figurativização do tema, ou seja, da concretização figurativa das suas ideias. Denis Bertrand (2003) lembra que “Pode-se fazer compreender algo pela argumentação dedutiva de um raciocínio abstrato, persuadindo o leitor, mas, por outro lado, fazer ver também é fazer crer!” (BERTRAND, 2003, p. 155).

O EFEITO VERIDICTÓRIO NO DISCURSO: análise do conto *Balas*

No conto de Rafael Gallo, entre as estratégias argumentativas utilizadas pelo enunciador para fazer-crer no enunciado, destaca-se o recurso amplamente conhecido do emprego da narração em primeira pessoa, em que se promove um sincretismo entre o narrador e o interlocutor. A opção por esse narrador participante contribui sobremaneira para a construção da confiança no enunciador, uma vez que este escolhe, como condutor das dimensões pragmática e cognitiva do discurso, o mesmo sujeito que, na selva da cidade, sofre na própria pele a experiência da indiferença e da dor física e moral face à luta pela sobrevivência, em condições altamente desfavoráveis:

(1)

Putá, andamu di a pé pra caralho... debaixo dum sol, mano! Aí chegamo no ponto pra pegá o busão. Ficamo lá torrando pra mais de uma hora, até que ele veio. Tava lotado pra caralho! Esprememo pra entrá e passamo mais outra hora desse jeito pra chegar lá. Lá na estação de trem, mano... ainda tinha mais o trem. Qui, aliás, tava mais cheio qui o busão! E era uma pá de parada pra chegar até na nossa. Em cada uma delas descia dois neguinho e subia mais duzentos. Num cabia mais ninguém e entrava mais um monte de gente. Caralho, como todo mundo aguenta isso todo dia?! Às vez parece pior do que na cadeia, mano. Cadeia só é pior porque tu num pode escolher de sair, eu acho. Descemu finalmente. Saímu da estação e chegamu no ponto do primo. Putá duma avenidona brava! Esses lugar mi dão nervoso, mano. Nego fala qui tem medo di entrá na favela... lá eu tô sussegado! Lugar perigoso é o qui tu não conhece, onde tu não pertence, tá ligado? O primo já foi explicando como funcionava o lance:

- A hora qui fechá o farol, tu vai botando os pacotinho pendurado no retrovisor dos carro, tá entendendo? (GALLO, 2012, p. 108-109).

Como se vê, em (1), a reprodução do dialeto do narrador participante acentua a atmosfera de legitimidade pragmática, ampliando o efeito veridictório do discurso. O recurso, acompanhado do emprego do discurso direto, produz o efeito de **aproximação** do enunciatário em relação à cena enunciada, colocando-o em condições de, numa posição privilegiada, refletir acerca dos infortúnios e desafios cotidianos impostos àqueles indivíduos, figuras vivas de uma realidade conhecida, por muitos, tão-somente pelos filtros das mídias e redes sociais. Essa proximidade favorece o fazer-criar e o fazer-saber do enunciatário, e, por conseguinte, estimula a sanção positiva do enunciatário ante o olhar do enunciatário sobre aquele universo.

O narrador, a quem cabe a função comunicativa do discurso, assume a palavra, em solilóquios que revelam a perspectiva ideológica do enunciatário:

(2)

É foda esse negócio. Ficá correndo entre os carro, a maioria das pessoa nem abre a janela, nem olha pra você. Virei o homem invisível, **mano**. Às vez eu ficava parado do lado di um carro por um tempo – pra vê – e o cara no volante nem virava pru lado; como si pudesse mi apagá das vista dele, tá ligado? O qui o olho não vê o coração não sente, né, **mano**. Isso mi deixa puto; mais puto qui isso só madame qui fica olhando pra mim como si eu fosse um bicho nojentto. Eu falo qui gente é varios bicho diferente! Quiria vê si ela tivesse crescido onde eu cresci... no meio do lixo, do esgoto... si ela ia si preocupá com maquiagem, penteado, perfuminho... Tu cresce largado na miséria, **mano**, tu nem aprende a querê muita coisa, não. Ninguém ti dá nada, tu vai tirá di querê as coisa da tua cabeça, assim sem mais nem menos? Alguém pode gostá do qui nunca experimentô? Só si fô di vê na tevê... (GALLO, 2012, p. 110-111, grifo nosso).

O sincretismo entre narrador e interlocutor preserva a dinâmica figurativa do conto, uma vez que os solilóquios, embora constituintes da dimensão cognitiva, misturam-se à dimensão pragmática do discurso. O vocativo “mano”, por exemplo, ora se refere ao narratário, como em (2), acima, ora se refere a um interlocutário, actante projetado no segundo grau, a exemplo de (3) e (4), a seguir:

(3)

- A hora qui fechá o farol, tu vai botando os pacotinho pendurado no retrovisor dos carro, tá entendendo?

- Porra, **mano**, tá tirando di esperto? Tu acha qui eu nunca vi os nego fazendo isso?! (GALLO, 2012, p. 109, grifo nosso).

(4)

- Três filho?! Viúvo?! Qui porra é essa, primo?!

- Porra, sei lá, **mano**... Já vem com esses papelzinho aí, num fui eu qui ponhei, não... É pra... pra sensibilizá o cliente, entende? (GALLO, 2012, p. 108, grifo nosso).

Com isso, o enunciatário é levado a crer no discurso a partir dos elementos figurativos. Ao produzir o texto, com base no acordo fiduciário firmado com o destinatário, o destinador deve saber o que pode e deve ser dito e como deve fazê-lo para a captura do leitor.

Segundo Gomes (2009) apud Cabral (2017), o discurso literário permite o acesso ao conteúdo veiculado mais pelo **sentir** do que pelo **entender**. Sendo assim, a crença nas verdades veiculadas pelo texto literário é um efeito da sensibilização do enunciatário, ou, em outras palavras, um efeito do envolvimento emotivo do enunciatário com aquilo que lê.

A Semiótica da Escola de Paris foi, ao longo de sua história, desenvolvendo mecanismos para análise dos “estados de alma” dos actantes sujeitos. Inicialmente, os dispositivos postos a serviço da apreensão dos sentidos textuais destinavam-se à análise das ações dos sujeitos, em suas relações com os objetos ou com os demais sujeitos. Naturalmente, tal limitação resultava na inobservância de aspectos relevantes para uma leitura proficiente, ou, na pior das hipóteses, no abandono de determinados textos, que não poderiam ser satisfatoriamente analisados na perspectiva restrita da “ação narrativa”.

Lima (2014) explica como a teoria semiótica foi sendo refinada até poder ampliar o seu olhar para os elementos textuais patêmicos:

Os estudos subsequentes (...) trouxeram à cena a teoria das modalidades, que rapidamente começou a ganhar espaço e maior interesse entre os semioticistas. Tratava-se de um refinamento da análise dos textos, no qual os estados, antes vistos apenas como marcos das transformações - estado inicial e estado final, mostravam os primeiros sinais de sua importância enquanto núcleos de significação paralelamente à ação. (LIMA, 2014, p. 23).

As modalidades são categorias empregadas para explicar as pré-condições necessárias à realização das ações. Para agir, os sujeitos precisam ser motivados a fazê-lo. Nesse caso, devem ser dotados do desejo de agir (um *querer fazer*) ou da obrigatoriedade de agir (um *dever fazer*). Além disso, o sujeito do fazer precisa ser provido de uma competência modal para a ação (*saber fazer* e *poder fazer*). Embora direcionado, inicialmente, às ações narrativas, esse estudo das modalizações veio posteriormente a ser aplicado ao *ser* dos sujeitos. Tal deslocamento foi essencial para explicar os discursos em que “o estado passional dos sujeitos

dominava suas ações”. (GOMES, 2008, p. 85). Assim, as modalidades passam de indicadores das pré-condições das ações a “valores que definem papéis diante do mundo e em um percurso de vida”. (FONTANILLE, 2007 apud GOMES, 2008, p. 85).

No conto *Balas*, vários são os exemplos que atestam a eficácia da identidade passional dos actantes como recurso para se imprimir verossimilhança às ideias do enunciador, levando o enunciatário a aceitá-las.

Cumprir observar o modo como a modalização do ser expõe a **humanidade** do sujeito principal da narrativa, um traço insuspeitado, para muitos, quando se trata de “párias da sociedade”. Esse estado de alma manifesta-se, de modo especial, nos já mencionados solilóquios do narrador de primeiro grau, nos quais se mostra a manipulação do actante sujeito pelo *querer ser*, o que, aliado à constatação de *não poder ser*, faz assomar a frustração e o inconformismo:

(5)

Será qui eu vô aguentá ficá nessa di vendê balinha? É foda, destino vira mais qui redimoinho, mano. Não vem mi falá qui destino tá pronto, não. Quem acredita nessas porra di destino, di qui tava tudo escrito e o caralho, é porque o qui aconteceu com ele é bonito, sabe? Aí até parece coisa escrita por poeta mesmo. Mas tu acha qui tá escrito pra um tê escola, namorada, dinheiro e o caralho a quatro, e pro outro tá escrito di vivê fudido?! Tá escrito pra uma criança nascê e já morré abandonada pela mãe numa lata di lixo?! Porra, nasceu pra quê, então?! Pra que escrevê uma história dessa?! Si é Deus qui escolhe isso, mano; qui escreve essas parada, na boa: é mais filho da puta do qui eu. Eu nunca faria uma crueldade dessa, ainda mais tendo poder. (GALLO, 2012, p. 112).

Outro aspecto que, no conto, merece destaque, como procedimento para a aceitação do conteúdo veiculado pelo discurso, é o modo como o sujeito principal procura resistir à “manipulação para o mal”, evidenciado na primeira frase do narrador, em (5), acima (“Será qui eu vô aguentá ficá nessa di vendê balinha?”). A resistência do actante vai sendo progressivamente minada por uma série de episódios adversos, como o da abordagem truculenta de um policial:

(6)

Trampeí mais uns três dia nessa; **tava foda, mas eu tava segurando a barra**. Mas aí aconteceu uma coisa... Putz, eu fiquei puto pra caralho! Tava eu e o primo lá, trabalhando, na honestidade, vendendo bala sussegado, aí mi apareceu um guardinha... porra, folgado pra cacete! Um magrela com cara di sabugo, mano, eu dava cabo dele fácil, fácil, si deixasse. Ele já chegou expulsando a gente; enxotando qui nem si fosse bicho... com a mão já no cano da cintura, tá ligado? Eu e o primo falamo qui a gente tava ali na boa, trabalhando... eu só di olho na mão dele sigurando a arma. Ele chamô a gente di vagabundo pra baixo; falô qui aquilo não era trabalho. **Fiquei com uma puta dum raiva**. Trabalho era só o dele, então?! Minha vontade era tê um cano, pra botá medo naquele filho da puta, mano. Polícia finge qui não, mas tem medo pra caralho também! Os cara grita na tua cara, aponta o cano pra você, mas tu vê no olho deles. Si tão sozinho, então... Tu levanta a arma

e pronto. O cara vê: o diabo tá do teu lado. O medo manda em todo mundo. (GALLO, 2012, p. 113-114, grifo nosso).

Embora manipulado pela raiva (“Fiquei com uma puta de uma raiva.”), o sujeito ainda resiste (“tava foda, mas eu tava segurando a barra”). A resistência à manipulação para a violência ainda aparece em (7), mas, aos poucos, começa a arrefecer:

(7)
No dia depois desse, pensei muito antes di saí di casa... **Tava dividido, mano.** Tava muito puto e, ao mesmo tempo, tava querendo ficá na minha, tá ligado? Não queria treta. Mas aquele polícia... Caralho, tomá esculacho di novo e não podê fazê nada ia sê foda! (GALLO, 2012, p. 114, grifo nosso).

A reiteração das adversidades mina a resistência do sujeito e intensifica a raiva. Com base na proposta das modulações tensivas de Claude Zilberberg, Cabral (2017, p. 119) observa que “Alguns efeitos passionais possuem os mesmos arranjos de combinação, diferenciando-se pela intensidade (...): o medo (...) tem uma intensidade menor do que o pavor; o contentamento (...) é menos intenso que a exultação”.

Ao longo do conto, o narrador participante continua a classificar a força que o motiva a ceder à violência como “raiva”. Entretanto, à medida que o tempo passa e as ações adversas ao seu propósito de continuar a “viver honestamente” se sucedem, aquela paixão é intensificada, convertendo-se em ódio. Embora, nas trocas comunicativas do dia-a-dia, os dois vocábulos sejam usados intercambiavelmente, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa de Geraldo Mattos, o ódio faz a pessoa não apenas desejar, mas também “causar mal a outra”. Diferentemente da raiva, o ódio é capaz de levar o sujeito a uma ação reparadora da falta (*não poder ser*) que o aflige.

Para marcar essa intensificação, que instaura na narrativa uma atmosfera de iminente resposta violenta, o narrador recorre à figura do diabo, co-responsável pelas más ações do ser humano:

(8)
No outro dia, levei o cano cumigo di novo. Dessa vez, nem fiz piadinha, nem ri. Sei lá, mano, acho qui **acordei meio encapetado.** Já num tinha mais graça. Só di pensá qui ia tê qui encará mais um dia daqueles... num era só o trampo ou a pedrera pra chegá lá, tá ligado? Talvez era aquele guardinha, aquele moleque, aquele pessoal dos carro qui nem ti olha... É tudo uma questão di... como é qui fala? Custo-benefício, né? Pois então... eu tava... sei lá, eu já tava por aqui! Eu ia aguentá até quando?! A falta di grana... a falta di mandá? Eu já tava mais pra essas bala do qui pras outra, eu acho. O poder dessas: bem melhor. O cano, mano... nem gelô na barriga dessa vez. Será qui era eu qui tinha ficado mais frio? Caralho, a sensação qui ti dá é foda... Quem é qui ia falá alguma coisa hoje?! **Eu tava encapetado, mano.** (GALLO, 2012, p. 116, grifo nosso).

(9)
Voltei pra trás, pro carro anterior. Parei na janela dele e olhei na cara do motorista: era um muleque; parecia aquele merdinha do busão. Já tinha mi picado aquilo, mano. **O capeta. O capeta é raiva, só.** É querê saí di baixo; arrancá o qui tá por

cima di você. Aí já era: a hora qui vem, já veio. **Minha mão pensô por mim; nem bolei, já tava com o cano na mão.** Peguei o mundo pelo pé. O muleque ficô branco a hora qui viu a ponta do meu cano na fuça dele! Minha mão nem tremeu. A morte só eu quem dá; tu qué? Nem ele, né, mano... a vida sai barato presses cara, porra, eles têm grana! Eu qui escolho. Eu era Deus, mas **eu era o diabo.** O muleque sabia. Todo mundo ali soube. Nessas base, mano, o mundo todo vira pro teu lado. Tu manda; tu é visto. Quem ia mi ignorá agora? Quem ia olhá pra outro lado? Aí tu é alguém. Tu é todo mundo. A grana é sua, o carro é seu. Si tu quisé, é tudo seu. Só pegá. (GALLO, 2012, p. 118-119, grifo nosso).

Diante da forte manipulação que lhe é dirigida, o sujeito principal da narrativa não se contém, tornando-se um agente da violência urbana (“Minha mão pensou por mim; nem bolei, já tava com o cano na mão”). Apesar de seu esforço, não é bem-sucedido no propósito de entrar em conjunção com valores euforizados socialmente, como a honestidade.

Conforme já se destacou, o narrador é o porta-voz da dimensão cognitiva do discurso: por meio de suas palavras, tem-se acesso aos valores defendidos no conto analisado, dentre os quais se destacam a solidariedade e a igualdade de oportunidades para o progresso econômico e social do indivíduo. Os solilóquios inflamados do narrador e os acontecimentos que acompanham o cotidiano dos interlocutores ressaltam a ausência de tais valores, cuja adesão o enunciador propõe ao enunciatário. Este, por sua vez, considerando a razoabilidade de tais colocações, tende a sancionar positivamente o discurso que lhe é proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enunciador tenta atingir os seus propósitos comunicativos por meio da sensibilização do enunciatário. Ele se compadece diante da falta experimentada pelo sujeito principal das ações narrativas do conto *Balas* e, através da argumentação, tenta suscitar no enunciatário a mesma atitude de compaixão. Lima (2012), após recorrer a uma pesquisa etimológica para diferenciar compaixão e piedade, observa que, embora haja entre os dois lexemas uma marca do *sentir*, trata-se de duas significações diferentes. O modo como o sentir se configura em cada uma dessas formas de interação entre os sujeitos é variável: a definição etimológica de piedade fala em “dever”, isto é, na “obrigação” do sentir, caracterizando um compadecimento PELO outro, ao passo que a definição de compaixão traz os semas do “comum”, da “comunidade”, ressaltando a partilha do sofrimento, ou seja, um compadecimento COM o outro.

Assim, o texto de Rafael Gallo, ao figurativizar o tema dos Direitos Humanos, cumpre a função de, por meio dos recursos argumentativos utilizados, ajudar o enunciatário a transcender seus egos e experiências pessoais e expandir seus horizontes empáticos. Segundo

Krznaric (2015), a literatura e outras formas de arte permitem que penetremos imaginativamente em outras vidas, estabelecendo uma identificação empática com indivíduos cujas experiências são absolutamente diferentes das nossas.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução Ivã Carlos Lopes et al. São Paulo: EDUSC, 2003.

CABRAL, Márcia Andrade. *Semiótica e argumentação: análise das obras de literatura infantil de Sylvia Orthof*. 169 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2017.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

GALLO, Rafael. Balas. In: _____. *Réveillon e outros dias*. São Paulo: Record, 2012. p. 107-120.

GOMES, Regina Souza. *Paixões e argumentação na mídia impressa*. Disponível em: <<https://sites.google.com/profadrareginasouzagomes/publicacoes-1>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: Ensaio semiótico*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp, 2014.

KALIL FILHO, Marcos. *Os humanos direitos e os direitos humanos no discurso passiona da grande mídia brasileira: análise semiótica de Veja e Carta Capital*. 124 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016.

KRZNARIC, Roman. *O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LIMA, Eliane Soares de. Entre compaixão e piedade: a configuração passiona. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (3): p. 1183-2292, set.-dez. 2012.

_____. *Entre compaixão e piedade: o estudo das paixões em Semiótica*. 224 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP), 2014.

MACHADO DE ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Mérito, 1959.

MATTOS, Geraldo. *Dicionário júnior da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2001.

MCEWAN, Ian. *Enclausurado*. Tradução Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Júlio César Souza de Oliveira

Possui graduação em Letras (Português e Literaturas de língua portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993) e Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora e vice-coordenador do Núcleo de Pesquisas em Semiótica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUPES/UFRJ), certificado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. É autor de textos para teatro e atua, principalmente, nos seguintes temas: Análise Semiótica do Discurso, Semiótica e Ensino de Leitura, Semiótica e Dramaturgia Contemporânea, Semiótica e Retórica.